

Humanitarismo e ação seletiva: a invenção de um Nordeste e uma África vulneráveis a partir da atuação dos "braços sociais" do Caminho da Graça¹

Gilson José Rodrigues Jr

Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGA/UFPE

Órgão de fomento: FACEPE

Palavras-chave: humanitarismo; vulnerabilidade; ação seletiva

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo pretendo levantar algumas questões relacionadas a um tema central: ajuda humanitária, o qual, como demonstrarei, estará em interface com outras discussões, como as que se relacionam com Estado, Religião e Moralidades. Tal proposta se dá a partir da atuação de duas agências humanitárias brasileiras que venho acompanhando desde o início de 2014. Uma delas – SOS RELIGAR – atuou até 2015 no sertão do Pajeú, principalmente na cidade de Tuparetama, quando teve suas atividades encerradas. A outra, Caminho Nações, mantém-se ativa até o presente momento, em dois países africanos, Nigéria e Senegal. Antes de contextualizar esta pesquisa mais detalhadamente, gostaria de convidar as leitoras e os leitores a um exercício de imaginação. Para isso, peço-lhes que pensem acerca de um casal, Tomas e Tereza.

Ele a conheceu em uma pequena cidade da Boêmia. Não chegaram a passar nem uma hora juntos. Suponho que devem ter conversado por todo esse tempo, até que ela o acompanhou até a estação ferroviária onde pegou o trem para sua casa, em Praga. Não se passaram mais que dez dias e ela viajou até lá, e no mesmo dia, antes que o sol se fosse estavam pela primeira, de muitas vezes, tendo seus corpos nus se entrelaçando. Ao anoitecer ela adoeceu, teve febre e gripe, o que a fez passar toda a semana na casa dele, sob seus cuidados. Segundo me foi narrado, parece que a necessidade de ser cuidada fez com que Tomas fosse tomado de um amor inexplicável por aquela quase desconhecida.

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB, GT. 24: Dinâmicas sociais, poder e transformação na África Contemporânea

O narrador desta história afirmou ter a impressão de que para Tomas ela se tratava de uma criança que havia sido deixada em uma cesta e fora abandonada nas águas de um rio para que ele a recolhesse na margem de sua cama.

Tereza se recuperou plenamente, mas permaneceu com Tomas por mais uma semana. O prazer de sua companhia despertava nele, um solteirão convicto de que não amaria mais após um término traumático de um relacionamento, algumas questões que iam desde a sua privacidade e algumas regras sobre manter seus encontros no que passou a chamar de “amizades eróticas”. Diante da pergunta “Seria melhor ficar com Tereza ou continuar sozinho?” que lhe atormentava, ele decidiu pela primeira opção, mesmo que ela contrariasse decisões passadas. Conseguiu que ela fosse trabalhar em um estúdio, deixando o emprego de garçomete – que era o que fazia quando se conheceram.

Talvez alguns dos que leem este artigo, estejam a se perguntar o que esta narrativa tem a ver com a proposta anunciada: pensar acerca das relações que dão forma e entrecruzam as práticas humanitárias que venho investigando. Outros, familiarizados com a obra Milan Kundera, se não desvendaram meu propósito aqui, ao menos devem ter percebido que Tereza e Tomas são um das principais personagens de “A insustentável Leveza do ser”, escrito pelo escritor tcheco Milan Kundera, e publicado pela primeira vez em 1982.

Dito isto, gostaria de voltar ao conflito existencial de Tomas chamando a atenção que durante um longo período da narrativa Kundera parece esquecer - propositadamente, acredito – de que Tereza seja dotada de vontade. Seu foco está nas decisões de Tomas em recebê-la, ou não, em sua casa, e em sua vida. Tomas é um homem bem sucedido, um médico bastante ocupado, com uma vasta rede de contatos, enquanto Tereza, pela própria condição de mulher em uma sociedade androcêntrica, é reservado um ex-trato inferior, o que parece ser reforçado pela sua condição trabalhista, garçomete, até que Tomas, sentindo-se como seu benfeitor, contribui para a melhora de seu *status*, como já exposto.

A palavra benfeitor possui dois significados principais: melhoramento e reparação. Tomas parece entender que deve trazer alguma melhoria para a vida de sua amante, e, de alguma forma, repará-la de algo. Não seria a condição de sentir-se superior o que gerou e sustentou tal sentimento? Responderia que sim, com que o que Kundera parece concordar quando explica que “[...] a compaixão se tornara o destino (ou a maldição) de

Tomas.” (KUNDERA, 2008, 26). É o próprio autor que explica os diferentes significados dessa palavra, tão importante para a discussão aqui proposta.

Em todas as línguas derivadas do latim, a palavra **compaixão** forma-se com o prefixo "com" e a raiz "passio" que, na sua origem, significa **sofrimento**. Noutras línguas, como, por exemplo, em checo, em polaco, em alemão, em sueco, a palavra traduz-se por um substantivo formado por um prefixo equivalente seguido da palavra "sentimento" (em checo: sou-cir; em polaco: wspol-czucie; em alemão: Mit-gefühl; em sueco: med-känsla). Nas línguas derivadas do latim, a palavra **compaixão** significa que ninguém pode ficar indiferente ao sofrimento de outrem; ou, de outra maneira: sente-se sempre simpatia por quem sofre. Outra palavra que tem mais ou menos o mesmo sentido, e que é **piedade** (em inglês pity, em italiano pierà, etc.), chega até a sugerir uma espécie de **indulgência** para com o ser que sofre. **Ter piedade de uma mulher é sermos mais favorecidos do que ela, é inclinarmos, baixarmo-nos até ela.** Por isso é que a palavra **compaixão** inspira geralmente uma certa desconfiança; designa um sentimento considerado como de segunda ordem e que não tem grande coisa a ver com o amor. Amar alguém por **compaixão** é de fato não amar essa pessoa. Nas línguas em que a palavra **compaixão** não se forma com a raiz "passio = sofrimento" mas com o substantivo "sentimento", a palavra é empregue mais ou menos no mesmo sentido, mas dificilmente se pode dizer que designa um sentimento mau ou medíocre. A força secreta da sua etimologia banha a palavra de uma outra luz e dá-lhe um sentido mais lato: **ter compaixão (consentimento) é poder viver com o outro não só a sua infelicidade mas sentir também todos os seus outros sentimentos:** alegria, angústia, felicidade, dor. Esta **compaixão** (no sentido de soucit, wspolczucie, Mitgefühl, medkänsla) designa, portanto, a mais alta capacidade de imaginação afetiva, ou seja, a arte da telepatia das emoções. Na hierarquia dos sentimentos, é o sentimento supremo. (KUNDERA, 2008, p. 25, grifos do autor).

Diante da explanação acima é possível deparar-se com a complexidade contida nessa palavra, tão presente quando o assunto é humanitarismo. Numa perspectiva ela parece remeter a uma relação de poder que para existir precisa da manutenção de uma hierarquia entre quem pode ajudar – o benfeitor – e aquele para quem sua ajuda se dirige. Por outro lado, parece remeter um sentimento moral de identificação com o sofrimento, que seria gerado, talvez, por algum tipo de identificação empática, e, portanto, **compaixão** poderia apontar para uma busca de construir um espaço de igualdade.

Parece-me que estamos diante de um dilema que não proponho que seja resolvido. Meu intento aqui é refletir, a partir da construção de uma etnografia – que será explicada a posteriori – sobre práticas humanitárias, numa busca de formular um diálogo entre crítica de uma antropologia da moral e as concepções e defesas que interlocutores

e interlocutoras vêm apresentando sobre as ações por eles empreendidas. Dessa forma, tenciono construir este artigo a partir de duas questões iniciais: As práticas humanitárias se constroem e se perpetuam a partir de relações desiguais? Em nome da não manutenção de hierarquias o apropriado seria não envolver-se com elas? Compaixão, piedade, sofrimento e moral, são sem dúvidas palavras/conceitos que permearão este trabalho. No entanto, faz-se necessário delinear o caminho que tornou o tema do humanitarismo tão central, assim como sua interface com Estado e Religião, em contextos nacionais e transnacionais.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Inicialmente gostaria de voltar ao ano de 2010, quando ainda buscava por uma alternativa a igreja evangélica, um espaço onde pudesse exercitar minhas crenças cristãs fora do ambiente tradicional das igrejas protestantes, o qual tinha vivenciado por mais de duas décadas da minha vida. Já havia ouvido falar acerca do Caminho da Graça (CG) e suas Estações – grupos locais espalhados no Brasil e fora – fundados pelo Caio Fábio D’Araújo Filho, um antigo líder evangélico (presbiteriano) que havia exercido lideranças neste seguimento até 1998, quando esteve envolvido em diversas situações consideradas política e moralmente polêmicas. Em 2005 ele fundava definitivamente o Caminho da Graça, com sede em Brasília desde então. Logo perceberia que o que me levava a “Estação do Caminho em Natal” era algo comum a maioria de seus integrantes: a insatisfação com o chamado “universo evangélico” aliada ao desejo de permanecer me reunindo em uma “comunidade de fé”².

O CG em Natal, cidade onde cresci e residia naquele momento, se reunia em um espaço relativamente central da cidade, nos fundos do antigo Hotel Residence, que fica numa das avenidas mais movimentadas da cidade, já que serve dá acesso a diferentes regiões da capital natalense. As reuniões costumavam ocorrer aos sábados a noite, quinzenalmente³. Ao chegar ali inicialmente fiquei maravilhado com o “estilo” das pessoas. Elas pareciam “mais livres” e acreditavam que o eram, comparando-se aos evangélicos e “religiosos” constantemente – algo que me chamou a atenção inicialmente, e depois ganharia espaço nas reflexões que norteiam a pesquisa ainda em curso. Além disso, os presentes, em geral homens e mulheres que aparentavam mais de 30 anos, brancos e

² Expressão muito comum dentro do CG, em especial utilizada pelo Carlos Bregantim, mentor da Estação São Paulo, uma das primeiras fundadas no Brasil.

³ Hoje ocorrem semanalmente.

(desconfiei) advindos de setores mais privilegiados, não apenas do ponto de vista econômicos, mas culturais e simbólicos⁴.

Se Roy Wagner (2010) já defendia que é necessário ao antropólogo ‘ser humanizado’ para que em seu trabalho de campo não fique apenas baseados em uma relação cheia de esquivas por parte dos interlocutores, a meu ver isto aconteceu muito antes de escolher o tema de minha pesquisa de doutorado, de modo que precisei passar por um processo, em alguma medida ao contrário: ser ‘antropologizado’. Digo isto porque primeiro tornei-me frequentador do Caminho da Graça, participando ativamente de suas reuniões, para só alguns anos depois ter o movimento, em especial seus “braços sociais” – como depois viria a entender que eram chamadas as agências humanitárias que dele advinham. Defendo que este processo de ‘humanização’ apontado por Wagner não se dá sem que haja uma afetação mútua (FRAVERT-SAADA, 2005), o que no caso do trabalho aqui desenvolvido estará sempre marcado por relações que incluem amizades intensas e duradouras.

O destaque aqui dado a estas relações de amizade se dá porque tanto a “pulga atrás da orelha” que serviu de ponto de partida, passando pelas incursões a diferentes contextos do trabalho de campo, como as entrevistas realizadas, vêm sendo marcadas por isso. João David Jr., um amigo, membro da “Estação Natal”, e posteriormente interlocutor nessa pesquisa, ilustra esta questão. Sabedor que meu tema de doutorado envolvia criança e adolescentes que estavam sobre os cuidados de instituições-abrigo, mencionou o trabalho humanitário desenvolvido no sudoeste da Nigéria com crianças que eram acusadas de bruxaria pelo Way of Nations – nome dado a agência humanitária Caminho Nações no país.

O trabalho, dirigido por um brasileiro, residente há muito tempo em Londres, parecia se dividir entre o combate a líderes religiosos evangélicos, neopentecostais⁵ – segundo os agentes humanitários principais responsáveis pelo processo de “bruxificação”; acolher crianças e adolescentes em um abrigo – chamado sempre por eles de orfanato – e tentar desconstruir com a crença local de que as crianças poderiam trazer em si algum mal que estivesse prejudicando suas famílias e vilas de prosperarem.

⁴ Por privilegiados quero dizer que “de cara” me pareciam pessoas que compartilhavam um “capital cultural” mais legítimo, isto é hegemônico (BOURDIEU, 2009).

⁵ Segundo os agentes humanitários principais responsáveis pelo processo de “bruxificação” infantil.

O primeiro contato estabelecido com estas notícias gerou apenas empatia para com a ação do Way of Nations; revolta para com a situação a que eram submetidas as crianças; uma curiosidade que, por um bom tempo, nada teve de propriamente acadêmica, até porque minha proximidade com o movimento religioso soava para mim como um obstáculo. Somado a isso tinham mais dois fatores: uma resistência pessoal a “misturar” pesquisa acadêmica e minha vida pessoal e o fato de que queria dar continuidade ao tema de pesquisa iniciado nos dois anos de mestrado.

Este artigo é prova de que aquela referida “pulga” surtiu efeito. Entretanto, a ideia inicial – apresentada em 2014 na forma de projeto de doutorado, posteriormente aprovado – era de investigar estritamente investigar a rede atuação do Caminho Nações na Nigéria, tanto suas justificativas, implicações, e os possíveis conflitos gerados a partir delas. Quando decidi adentrar este universo de pesquisa não tinha noção das reviravoltas que ocorreriam. Uma delas, talvez a principal, seria o fato de que findaria por realizar uma pesquisa multissituada, no sentido dado por Marcus (1995), no qual o pesquisador tenta apreender e rastrear as associações entre locais e fatos, acompanhando as trilhas, verdadeiras pistas, deixadas pelos interlocutores que vai encontrando no decorrer do seu trabalho de campo.

No momento em que decidi a primeira guinada em meu tema de pesquisa, tentei adquirir um livro produzido por integrantes do Caminho Nações chamado “Missão Salvar Crianças-Bruxas” a partir do próprio site da organização, porém encontrei dificuldades para efetuar o pagamento. Entrei em contato com uma das lideranças nacionais do CG, Carlos Bregantim, que me pôs em contato direto com Marcelo Quintela, na época diretor executivo do CN e organizador do livro. Diante da urgência em adquirir seu livro, e das tentativas frustradas, no dia 11 de setembro Marcelo entrou em contato com o Chico, responsável pela comunicação e divulgação do trabalho tanto do Caminho da Graça, como do Caminho Nações:

Chico, ele precisa com urgência desse livro, para dar prosseguimento ao projeto de doutorado com prazo para semana que vem... Quem manda o livro, o Henderson, a Religar? Por favor, não deixem de enviar. Ele tentou comprar já três vezes pelo site...Obrigado manos! Marcelo.

Após nove dias eu receberia o livro: um material cuidadosamente organizado, repleto de excelentes fotografias e vasto em sua bibliografia. Sobre este último ponto chamou-me a atenção que na construção de seu argumento pró-intervenção aquela obra

continha um tópico que chamaria a atenção de qualquer antropólogo: “o fenômeno do ponto de vista da Antropologia”, o qual vinha logo após outro curioso capítulo intitulado “o fenômeno do ponto de vista das Nações Unidas. Ao lado de uma foto onde dois garotos nigerianos encontravam-se rodeados de um grupo formado predominantemente por mulheres e outras crianças, o capítulo cinco do livro começava com o seguinte texto:

Edward Evans-Pritchard: antropólogo inglês contemporâneo, falecido em 1973, ano em que nasci. Logo posso dizer que sir Evans-Pritchard viveu em “nossos dias”. Mesmo assim, o escritor teve uma experiência única e marcante para a história dos estudos sobre a **África de todos os dias, a África de todos os tempos**. Nos idos de 1920, ele habitou a região centro-ocidental do grande continente, exatamente durante a gênese do período colonial, quando os **conteúdos culturais originais** ainda vigoravam entre os povos indígenas. Adotamos Evans-Pritchard. É nosso “orientador de Antropologia” (...). Evans-Pritchard se tornou nosso advogado! Pois enquanto eramos acusados de cruzar o oceano para uma injustificada cruzada moderna contra uma questão antiga, que, por ser antiga, não poderia ser alterada (como se o assassinato de “crianças bruxas” fosse folclore nacional a ser preservado pelos “greepeceanos” da santa cultura nativa), nós, contudo, já sabíamos que a praga era moderna em sua forma de manifestação e, de nativa, tinha somente as vítimas que vinha fazendo. Sim, o que o Caio nos tinha asseverado, o escritor inglês viera a confirmar! A saber: se os primitivos moradores da África visitada SEMPRE creram em bruxaria, por outro lado, NUNCA, dantes creram que uma criança pudesse fazer alguma bruxaria. (...) Evans-Pritchard se tornou nosso padrinho. (QUINTELA, 2012, p. 49-51, grifos meus).

Não irei me aprofundar aqui quanto as inquietações que a leitura do trecho acima, e de outros tantos, no referido livro, trouxeram tanto a respeito do uso da antropologia para legitimar uma intervenção; ou sobre a maneira como o texto de Evans-Pritchard sobre os Azande foi apropriado centralmente a ponto do autor ser considerado padrinho. Quero destacar apenas um dos pontos, diretamente relacionado a estes outros, que tem a ver com uma imagem homogeneizada e atemporal do Continente Africano. Tal questão ganharia espaço em minhas reflexões iniciais, no sentido de pensar como que os agentes humanitários em questão justificavam suas intervenções. Entretanto, apesar disto ter feito parte do projeto de doutorado aprovado, e de ter iniciado as aulas em março de 2014, no início do mês seguinte, durante o feriado da Paixão de Cristo, eu iniciaria – a meu ver precocemente – a fase exploratória do trabalho de campo.

Como após a leitura do livro, preparação do projeto, e sua aprovação, ficara com várias perguntas em mente, direcionadas, em geral, ao pró-

prio Marcelo Quintela, ele propôs que acompanhasse sua vinda ao sertão pernambucano, numa grande ação médica e odontológica concentrada em Tuparetama, situada há pouco mais de 270 quilômetros da capital pernambucana. Nesse interim me foi enviado por e-mail um documento com o seguinte título: “**Plano do Projeto SOS RELI-GAR- Uma Agência de Socorro Humanitário**”. Poucas semanas, e muitas negociações depois, que envolviam com quem iria para Tuparetama, fui “encaixado” numa “VAN”, um carro de modelo Sprinter, onde cabiam mais de 15 pessoas. Como acordado, encontrei Marcelo Quintela e outros integrantes de sua equipe, fui até o aeroporto internacional de Recife. Cheguei ao aeroporto no horário combinado, no final da manhã, por volta das 11 horas. Quando me aproximava do café onde Marcelo disse que estaria, ele me reconheceu, acenou. Junto a ele estava um grupo com mais oito pessoas. Não deixou de me chamar a atenção o fato de que todos os que estava ali eram de pele bem clara, com exceção de um homem, inclusive o motorista da VAN, que apesar da pele que aparentava estar queimada do sol (ele era funcionário da prefeitura de Tuparetama, “nascido e crescido lá”). Só com a chegada de Fernando, um dos idealizadores da ação que seria implementada, é que eu conheceria – e reconheceria – alguém como negro⁶. Após a chegada de Fernando, meia hora após a minha, entramos na VAN, e partimos em direção a Tuparetama. (Diário de Campo⁷, 02/04/2014).

Ao longo de mais de sete horas de viagem⁸, conversávamos sobre o projeto que seria realizado; algumas piadas eram feitas, dentre elas o fato de eu ser um “antropólogo em campo” foi mencionado algumas vezes. Ouvei Marcelo Quintela falar, por exemplo, para que “tomassem cuidado comigo, porque eu estava analisando tudo”. Aproveitei também para tirar algumas dúvidas, assim sendo bombardeado de perguntas por muitos dos integrantes daquela equipe, formada de médicos, dentistas e uma enfermeira.

Desconfiava que realizar essa viagem com eles seria importante, tendo em vista que seria meu primeiro contato com aquele grupo, que se mostrou acertado não apenas por isso, mas porque aquelas pessoas não voltariam ao longo dos últimos anos ao sertão do Pajeú. Além disso, foi importante perceber que em meio as piadas, algumas eram de tom jocoso, e demonstravam a visão que muitos dos voluntários tinham do Nordeste brasileiro, e, em especial do Sertão. Um exemplo disso foram os comentários feitos acerca de Sertânia, município que fica há duas horas de Tuparetama: “Olha, tem até loja

⁶ Não aprofundarei as questões acerca dos marcadores sociais das diferenças, mas destaco que apesar desta não ser uma discussão central neste trabalho, nem mesmo na pesquisa do qual ele faz parte, sua relevância vêm sendo confirmada, em especial para pensar acerca de características gerais do “caminhante”, que é como muitos dos integrantes do CG se referem a si e outros integrantes do movimento.

⁷ Daqui em diante, toda citação do diário de campo, será feita com DC.

⁸ Normalmente as viagens de carro entre Recife e Tuparetama costumam levar seis horas, mas neste dia as paradas feitas foram mais longas.

da Boticário”; “Até que é uma cidade bem desenvolvida, eu imaginava outra coisa”; dentre outros que permitiam perceber que predominava ali uma visão homogênea e estereotipada do Nordeste. Vale salientar que todas as pessoas naquela VAN, com exceção de Fernando, eram das regiões sul e Sudeste do país.

Outra situação percebida, apontada também por interlocutores residentes na cidade, foi dirigida principalmente a Marcelo Quintela e Ana D’Araújo – irmã do Caio Fábio e então diretora do SOS Religar. Tratava-se de uma preocupação de que as pessoas atendidas “fossem necessitadas de verdade”. Não poucas vezes ouvi, diante de uma multidão de pessoas que procuravam os serviços de oftalmologia, odontologia e ginecologia, durante os três dias, a pergunta “Mas essas pessoas precisam, mesmo?”. Parecia haver uma expectativa que fora parcialmente frustrada sobre qual era a situação de vulnerabilidade social em que se encontravam a maioria das pessoas a serem atendidas.

Ao longo desses dias algo que tinha fugido as minhas percepções, se destacou, trazendo a possibilidade de mais uma mudança quanto ao meu tema de trabalho. O que havia me levado até ali era ter contato com apenas uma parte daquelas pessoas, as quais teriam participado de incursões a Nigéria. Talvez seduzido por uma visão romântica a cerca do trabalho de campo em lugares distantes, ao modo clássico, ou mesmo pela possibilidade de fazer algo “original” como se espera de um doutorando, eu não a intenção de desenvolver o trabalho de campo no Sertão.

Meu objetivo era apenas apresentar-me, estreitar laços e, de acordo com a disponibilidade deles, organizar minha ida para a Nigéria. No entanto, diversas falas a respeito do trabalho desenvolvido em Tuparetama, assim como na Nigéria e no Senegal – outro lugar que não recebia grande atenção da minha parte, até por ser muito pouco citado no livro – apontavam para a questão da ajuda humanitária do que chamavam de “braços sociais do Caminho da Graça”, o SOS Religar e o Caminho Nações. Em diversas situações durante esses dias, ou posteriormente analisando vídeo com chamadas e/ou entrevistas disponíveis na *internet*; ou mesmo em conversas informais, havia uma fala marcada acerca do tema “humanitarismo”, quase sempre acompanhada de “compaixão”, “consciência”, dentre outras expressões que de diversas maneiras apareciam vinculadas as crenças dos interlocutores.

Nos primeiros dias em Tuparetama, com exceção de uma dentista, todos eram ligados a algum segmento religioso, a maioria eram membros de alguma Estação do CG

pelo Brasil, e alguns se auto-identificavam como evangélicos, mas de linha ca⁹”, origem comum também a maior parte dos membros do Caminho da Graça, e em especial de sua liderança, o que se repetia entre aqueles que lideravam naquele momento os tais “braços sociais”. Esse trajeto da pesquisa sofreu – e acredito que ainda sofrerá – diversos rearranjos – porém um que veio a trazer mudanças profundas nas reflexões que viriam a ser construídas sem dúvida foi a centralidade da defesa de uma ajuda humanitária que apesar de ser entendida por muitos ali como uma expressão de sua fé em Jesus Cristo, era defendida como laica pelos atores em questão.

Diante de tudo o narrado até aqui, a exemplo de Evans-Pritchard (2005) quando percebeu que apesar da bruxaria não ser até então de seu interesse, ela tinha um lugar central para os Azande, e por isso ganhou tamanha centralidade em seu trabalho, desenvolver um estudo sobre a rede de atuação humanitária dos “braços sociais do Caminho da Graça”, buscando compreender suas concepções acerca disso, e as implicações de suas ações *in loco*, levando em consideração as especificidades de cada local, tornou-se, sem dúvidas, um dos maiores interesses tanto deste artigo, como da pesquisa ainda em curso do qual ele faz parte.

Diante disso, e devido a diversas outras mudanças sobre as quais não me aprofundarei aqui, a proposta seria de mapear as diferentes associações construídas pelos interlocutores, confirmando a construção de uma etnografia multissituada, que abrangeria não só Tuparetama, Dakar, capital do Senegal – e não mais o sudoeste da Nigéria – mas também as atividades virtuais, assim como determinados livros que iam se mostrando relevantes para a formação e explicações trazidas pelos agentes humanitários¹⁰.

Quando explico o tema da presente pesquisa para algumas pessoas, antes que explique as inquietações e análises críticas acerca deste, é comum ouvir delas declarações emocionadas e de apoio ao trabalho em prol de famílias moradoras das zonas rurais do sertão Nordeste; ou de crianças acusadas de bruxaria, submetidas, segundo o trabalho humanitário ali realizado, a castigos físicos; ou ainda sobre as “crianças talibés”, também segundo estes atores, que têm suas infâncias roubadas, sendo obrigadas a pedirem

⁹ O que geralmente quer dizer que fazem parte de igrejas Batistas, Presbiterianas, Congregacionais, por exemplo, que se diferenciam de outros segmentos evangélicos, dentre outras coisas por não incentivarem, ou mesmo não acreditarem nos dons ditos carismáticos, como a glossolalia, o “falar em línguas”, bastante comum em igrejas pentecostais como as Assembleias de Deus.

¹⁰ Agradeço ao professor Renato Athias por seu comentário na banca de qualificação do projeto de pesquisa, que destacou que meu trabalho não tinha vários campos, mas um só em contextos diferentes.

dinheiro pelas ruas de Dakar, sob os mandos e desmandos dos Marabus. A primeira vista, tal como o trabalho desenvolvido pela agência humanitária “Médico sem fronteiras”, só há elogios a estes trabalhos, pura expressão de amor e compaixão em prol da dignidade humana. Um verdadeiro combate ao sofrimento!

Ora, é o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1982) que lembra que os antropólogos são “gente estranha” devido a sua mania de “[...] fazer até mesmo o ‘familiar’ parecer misterioso e complicado”. Seguindo esta “tradição”, senti-me inclinado a estranhar os argumentos; dinâmicas humanitárias, e pensar acerca tanto de sua atuação, as justificativas construídas para tanto; a imagem de vulnerabilidade dos públicos-alvo dos agentes, assim como as possíveis negociações e resistências com as quais se deparam em sua atuação. Além disso, buscando aprofundar uma noção de “entrevistas-debate”, tenho trazido para os encontros com os interlocutores as críticas realizadas por estudiosos, como Didier Fassin (2010) e Louc Boltanski (1993), dentre outros que de maneiras distintas percebem nas ações humanitárias um potencial normatizador e, em alguma medida, mantenedor de desigualdades, com base principalmente em uma gramática moral voltada ao combate a determinadas formas de sofrimento.

Dito isto, destaco algumas das questões suscitadas a partir de então: Como são selecionadas as pessoas que vão para cada região o que as pessoas que atuam em cada uma dessas agências humanitárias pensam sobre humanitarismo? Quais os critérios e motivações para a escolha de cada região aonde elas vêm atuando? Como se dão as escolhas das pessoas, grupos e locais onde atuam? Estas e outras questões serão aqui perseguidas a partir do rastreamento das redes associativas e agrupamentos (LATOURET, 2012) originados das intervenções da SOS Religar e do Caminho Nações.

3. OS “BRAÇOS SOCIAIS” DO CAMINHO DA GRAÇA: ENTRE CONCEPÇÕES E AÇÕES

O provérbio chinês, "Quando o sábio mostra a Lua, o imbecil olha para o dedo", se aplica primorosamente a atitude denunciadora do pensamento crítico. Ao invés de olhar para o que chama a atenção apaixonada dos atores, a antifetichista se crê muito astucioso, porque denuncia, com um dar de ombros, a objeto da crença - que sabe, pela ciência infusa, ou antes, confusa, que ele não existe - e dirige sua atenção para a dedo, depois para a punho, para a cotovelo, para a medula espinhal, e, de lá para o cérebro, depois para o espírito, de onde torna a descer, em seguida,

ao longo das causalidades objetivas oferecidas pelas outras ciências, na direção da educação, da sociedade, dos genes, da evolução; ao, em suma, do mundo pleno, que as fantasias dos sujeitos não conseguiriam ameaçar (LATOURE, 2002, p. 80).

Começo esse subtópico com uma citação do sociólogo e antropólogo Bruno Latour na intenção de adentrar duas discussões: a escolha por desenvolver uma etnografia simétrica, no sentido proposto pelo autor, e rica discussão sobre o se levar a sério o que falam nossos interlocutores. Dito isto, é importante afirmar que não se trata de defender pesquisas que legitimem, ou não, aquilo que é dito e feito pelos interlocutores. Nesse aspecto há total concordância com a perspectiva de Ruth Cardoso (1986) quando chama a atenção para o fato de que mesmo que o antropólogo faça parte do grupo pesquisado²⁵, ele precisa assumir outro olhar que não de um membro. Trata-se de um exercício de estranhar o familiar, como bem destacou Gilberto Velho (1978).

Ainda em relação a citação inicial é importante destacar que compreende-se por antropologia simétrica, fazendo uso metafórico do provérbio, a exemplo de Latour, o exercício de não se olhar apenas para o dedo, mão, etc., mas também para a Lua. Com isto quero dizer que se pretende compreender os significados que os interlocutores dão àquilo que fazem, fugindo da tentação de dizer aquilo que se pensa que eles pensam (VVEIROS de CASTRO, 2002). No entanto, isto, acredito, passa longe da ideia de que o pesquisador ao agir assim corre o risco de se tornar refém das representações, concepções de seus interlocutores. Neste sentido uma simetria seria impossível, como destacado por Fernando Dias Duarte e Edlaine Gomes (2008) quando lembram que as disposições culturais que motivam o antropólogo são distintas daquelas que inspiram outras ordenações simbólicas. Não se pretende, portanto, negar que no encontro intersubjetivo sob o qual se constroem o trabalho de campo há o que os autores chamam de *assimetria situacional*.

É exatamente o reconhecimento desta situação que torna possível a compreensão de que a simetria não se dá com base em disposições culturais semelhantes, tendo em vista que ainda assim os interesses podem ser distintos e até antagônicos. É exatamente a busca por considerar estas diferenças enquanto “*fluxos de controvérsias*” (LATOURE, 2012), os quais não devem ser interrompidos, postos em caixas, mas acompanhados de um relativismo que ao invés de mergulhar nos dados irá flutuar com eles, na tentativa

não de eleger um mais relevante do que outro, mas de compreendê-los como de igual importância para o melhor entendimento do tema em questão.

Dessa forma, ao pensar sobre as questões relacionadas à ajuda humanitária, buscarei seguir tanto as críticas dos estudiosos que vêm se dedicando ao tema; as diferentes – e divergentes – concepções dos interlocutores – e as minhas próprias “apostas” enquanto analista, mas também ator, neste mesmo *fluxo*. Com isto, entendo ser possível fugir a um encantamento com as compreensões dos atores e suas ações – mantendo uma postura de desconfiança e estranhamento – sem com isso deslegitima-las, mas de também assumir que tendo interesse encontrando e apontando questões que não eram do interesse das pessoas com quem interagi em sua pesquisa.

Tal postura remete também ao uso que Fassin (2005) faz do mito da caverna, de Platão, onde o antropólogo defende que o lugar do pesquisador para a construção de sua etnografia deve ser na fronteira da caverna, onde ele não enxerga apenas as sombras, mas também não se encandeia com as luzes de suas teorias, a ponto de desconsiderar outras visões do mesmo mundo, que serão sempre outros. Dito isto, gostaria que adentrássemos a relação entre concepções de humanitarismo e as ações desenvolvidas em cada contexto. Não pretendo cair numa análise que busque apontar apenas as contradições entre uma e outra, tendo em vista que não defendo a coerência enquanto um imperativo, já que as ações, dado ao seu caráter de imprevisibilidade – como lembra Hanna Arendt (2007), tenderão sempre, com maior ou menor intensidade, a fugir daquilo que foi anteriormente projetado.

O que há em comum nas atuações do Caminho Nações e do SOS Religar? Em que seus modelos de humanitarismo se diferenciam e se aproximam? Como vem se estabelecendo a relação entre seus agentes e a diversidade de atores com os quais interagem? Que relações de poder se desdobram a partir da atuação dessas agências?

Hoje um agente humanitário é aquele que se ocupa na questão humanitária, e é o que eu pretendo fazer nesse ano de 2015, estar quase que integralmente dedicado as questões humanitárias. O que eu chamo de humanitarismo é no seu puro sentido de pensar no humano, de tentar manter **aquilo que eu acredito essencial para o ser humano** que é a sua liberdade e emancipação. Ai eu já respondo pra você que a isso eu acredito no que o Evangelho ensina e o que o Evangelho ensina nos conduz naturalmente a essa **emancipação**. Jesus de Nazaré ele sempre perguntava se você quer ser curado, e uma vez que o indivíduo confirmasse ele dava a liberdade daquela pessoa ir. Ele não chamava para segui-lo, ele só chamava a quem ele quis chamar, que não passaram de 12 pessoas, mas ao demais ele inclusive incentivava que voltassem aos seus ciclos sociais ou que cumprissem os ritos religiosos de ir até

os sacerdotes para apresentar a oferta. Mas ele sempre provocava a emancipação, o crescimento da individualidade. E isso eu já respondo o que diz respeito a como eu penso a questão humanitária a partir da minha fé, sendo cristão. E em terceiro lugar você me pergunta essa questão do humanitarismo sendo praticado sem as amarras da dependência. Então, esse fenômeno de dependência a gente não tem como não recorrer a questão política, a esfera política. Especialmente o que o Estado, o Estado patrimonialista é capaz de produzir seres que não conseguem ir além (20/01/2015, Fernando Lima).

Fernando, autor da fala acima, foi um dos idealizadores do trabalho realizado no Sertão, e o liderou durante certo tempo, sendo afastado a partir de alguns conflitos internos. Vale salientar que de todos os agentes humanitários ele era o único que tinha uma relação direta com o Sertão nordestino, tendo crescido em uma família protestante no Sertão do Moxotó, e parte da sua família – seu irmão, sobrinha e cunhada – moradores de Tuparetama. Foi dele a ideia de iniciar um trabalho que se pretendia ter continuidade – leia-se não assistencialista – ali. Não apenas em sua fala acima, mas em diversas declarações em redes sociais, conversas e entrevistas, Fernando, a exemplo de outros integrantes do Caminho da Graça, assume-se como um ferrenho defensor de princípios liberais, em especial da meritocracia. Dessa forma, vêm se mostrando um ferrenho crítico de programas governamentais como o Bolsa-Família, o qual, em sua opinião, reflete um estado patrimonialista, gerador de dependências, as quais se tornam obstáculos para que as pessoas sintam-se motivadas a se envolver em ações desenvolvidas pelo SOS.

Agora sobre a diferença do Caminho Nações e SOS RELIGAR, não há diferença nenhuma nas intenções. Ambos são associações que desejam praticar o humanitarismo de todas as formas possíveis. A diferença entre o SOS RELIGAR e o Caminho Nações está na prática, né!? Enquanto o Caminho Nações vai pra África e trabalha basicamente com crianças. Crianças bruxas, crianças estigmatizadas pela religião, maltratadas e tudo mais. O SOS RELIGAR é no Brasil e tem tentado olhar para as causas locais do Brasil, mais necessárias. Por exemplo, do Nordeste, como é o caso do Núcleo do Nordeste, né!? Que planeja de certa forma, e de todas as formas, melhorar a vida das pessoas, sem que isso tenha um sentido muito visível, né?! A gente pretende entrar nos lugares onde a gente possa fazer diferença, não no sentido da prática, da prática assistencialista. A gente não quer assistencialismo! **A gente quer mudar a consciência das pessoas sobre a vida delas mesmas.**(...) Ou seja, a gente quer de alguma forma promover uma melhora de vida a ponto de que aqueles que foram ajudados na melhora de vida também sejam semeadores de mudanças e melhoras de vida na vida daqueles que vem após eles. Então a nossa prática não tem a ver com assistencialismo, mas com **consciência**, para que gerando consciência as pessoas se mobilizem melhor em relação a

vida, em relação a vida, em relação ao olhar pra vida, e automaticamente **passem a ser novos agentes humanitários** do bem, do amor, no caminho de quem trilhar a vida deles. Então é basicamente por aí. A diferença tá nisso. A diferença está na estratégia. A diferença está no público alvo. A diferença está na abordagem do trabalho, mas não na essência. A nossa essência é a mesma! A nossa essência é o Evangelho, tanto do Caminho Nações, como do SOS RELIGAR, como de todos aqueles que vem se envolvendo nessa causa. Uma essência só, que é o **serviço a Deus pela via do humanitarismo**, pela via de melhorar a vida de quem está ao meu redor em todos os sentidos (Ana D'Araujo, 20/01/2015)

As falas acima, ainda que partam de interlocutores que em seu campo de atuação chegaram a se chocar, apontam para algumas questões comuns., tendo em vista que Fernando foi afastado da liderança do SOS Religar, em especial no momento em que Ana D'Araújo foi instituída por seu irmão como supervisora do SOS Religar, o que fazia paralelamente as suas atividades como mentora da Estação em Manaus, Supervisora nacional do Caminho da Graça e de sua atuação profissional como psicanalista – presencial e virtualmente, em sessões via Skype. É possível percebermos uma relação entre a noção de “emancipação” e “consciência”, já que ambos fazem críticas ao que entendem por assistencialismo.

Quando é dito “**A gente quer mudar a consciência das pessoas sobre a vida delas mesmas**” remete-se a algo muito presente, inclusive, nas pregações, estudos e vídeos do Caminho da Graça, quando se fala em “consciência do Evangelho”. Tal como na prática religiosa, quando Ana fala sobre isso parece partir de um pressuposto do que seja essa consciência, e de que, talvez aquelas pessoas assistidas não as tenha. De modo semelhante, na fala de Fernando, quando faz uso da imagem que constrói de Jesus e os 12 apóstolos como forma de defender suas concepções de individualidade e emancipação, defendendo com isso a forma de humanitarismo na qual acredita. Acreditaria ele que, talvez devido ao “Estado Patrimonialista” que critica, isto falte as pessoas? Para fins das reflexões por ora levantadas gostaria de considerar “sim” para essa pergunta, e, portanto, adentrar as questões que percebem na ajuda humanitária uma maneira de normatizar vidas, ou como prefere Fassin (2005) governa-las por meio de uma *economia moral*.

Fassin problematiza como na contemporaneidade as práticas humanitárias se configuram enquanto uma empresa humanitária, no sentido da exaltação e legitimação

de toda uma gramática moral que se construa a partir de um governo dos corpos (FASSIN, 2005), o que possibilita pensar acerca dos mecanismos de controle que podem contribuir com o que Elias (1994) chama de *processo civilizador*. Este só é possível a partir dos estabelecimentos entre sujeitos e agrupamentos considerados mais ou menos “civilizados”, em detrimento de reconhecidos como “descivilizados”. Para Fassin (2005) humanitarismo só se faz possível a partir deste *governo dos corpos*, na medida em que para haver qualquer tipo de ajuda humanitária é necessário a exposição de um corpo que sofre.

Diante dessas questões é possível pensar acerca de como as práticas humanitárias partem tanto de uma noção universal do que é o humano, isto é, aquilo que seria considerado essencial, como destacou Fernando em sua fala, e, portanto, desemboca em uma noção possivelmente universalista do que seja o sofrimento. Dito de outra fora, é possível pensar como as práticas humanitárias são construídas tendo por base a construção de *tipos ideais* de vulnerabilidades e vulneráveis, e tal como exposto por Fassin (2010) isto irá desencadear em um processo de hierarquizações entre quem merece ser alvo de compaixão, e quem não merece, possivelmente por não se adequar a “determinadas normas humanitárias” e, por último, manterem desigualdades, seja entre aquele que ajuda e o que é assistido, ou entre este e outros que não receberam ajuda.

Tais inquietações foram levadas até muitos interlocutores, especialmente em nossas entrevistas. Num desses encontros, ocorridos em julho de 2015, conversando com Adailton, um dos supervisores nacionais do CG, e um dos integrantes da primeira expedição até a Nigéria, em 2009. Nossa conversa se deu logo após um polêmico anúncio sobre o possível fim das atividades do Caminho Nações no sudoeste nigeriano. Situação esta, que provocou todo um burburinho entre os que participavam do Encontro de Mentores do CG, ocorrido na região metropolitana do Rio de Janeiro. O desagrado de muitos dos presentes com a notícia que fora dada, ainda mais pela forma como ocorrera, segundo muitos, de maneira “fria”, o que para alguns parecia justificado pelo caráter pragmático de Adailton, fez com que terminado seu anúncio e dispersadas as pessoas, ocorresse uma reunião com outros líderes do movimento, alguns dos quais demonstravam surpresa com a situação.

Tive a chance de entrevistar Adailton logo após essa reunião, em meio a muita movimentação pelo salão onde estávamos, o qual servia de espaço para as refeições.

Homem com aproximadamente 1,65 metro de altura, de olhos azuis e olhar profundo, o que combinava com sua fala bem articulada, sempre muito firme e enfática. Em um dado momento, após explicar o porquê de considerar o Caio Fábio um genuíno profeta, devido a maneira clara como falava do “evangelho genuíno” atingido mesmo um “homem inculto”, adentramos a relação que ele compreendia existir entre o movimento Caminho da Graça e as ações humanitárias dele advindas. Perguntei-lhe o que esta noção de evangelho tinha a ver com os engajamentos humanitários do grupo, ao que ele prontamente respondeu:

Tem a ver aquilo que eu te falei sobre **reagirmos a necessidade**, inclusive na reunião aqui o Alexandre falou isso, nós não somos um grupo que planejou que tudo isso acontecesse. Ele foi vindo a reboque conforme as coisas iam acontecendo e a gente ia reagindo a essas coisas. Então como um movimento do evangelho, diante de certas situações não dá simplesmente pra você ficar de braços cruzados, parado. Então chegou no Caio um vídeo sobre a Nigéria e que “startou” tudo isso. Ou seja, nós não podemos ficar de braços cruzados enquanto vemos o que acontece lá na Nigéria com as crianças, aí a gente foi pra Nigéria. Indo pra Nigéria e atendendo as crianças da Nigéria outro grupo começou a dizer, mas espera aí, nós precisamos atender as nossas necessidades aqui também. Aí chega a SOS Religar e aí começam várias coisas acontecendo aí entra Senegal, ou seja, a nossa inclusão com esse braço humanitário provém da nossa reação **a necessidade humana**. (Nossa) preocupação é provocada por causa do evangelho que nos estimula a olhar **a necessidade do outro**. Não dá pra gente **olhar a necessidade de um e ficar parado**, o apóstolo João disse, como você pode dizer que ama... a essência do evangelho é o amor, esse é o dogma do evangelho, se o dogma do evangelho é o amor e estamos falando que queremos pregar e viver a simplicidade do evangelho o apóstolo João diz, como você pode dizer que ama, se você vê uma pessoa passando necessidade e não atende a sua necessidade? Ou seja, **o nosso envolvimento com ação humanitária provem disto, do amor do evangelho que nos constrange, nos estimula, nos convida a abrir o braço pro necessitado**. Então é dentro desse aspecto que tudo começou, embora no movimento nós tenhamos esses braços, SOS Religar, caminho das nações, por exemplo, muitas ações humanitárias estão acontecendo que são isoladas e invisíveis, e que talvez sejam em maior número e maior alcance e maior efeito positivo na vida das pessoas acontecendo em todo Brasil.

Reação às necessidades e a identificação de pessoas e grupos como necessitados parece está na base das ações humanitárias que surgem do Caminho da Graça, e estas, como também exposto por Adailton e outros interlocutores, surgem de sua noção de comprometimento com o evangelho. Os agentes humanitários em questão aqui sempre ressaltam seu trabalho como laico, e por isso compreendem que é um trabalho não reli-

gioso, tendo em vista que os próprios integrantes do CG, em especial parte de sua liderança, compreendem que são apenas “seguidores de Jesus sem religião”, lema este presente na “Vem & Vê TV”, canal *on line*, fundado e liderado pelo Caio Fábio, com programação 24 horas por dia. Como já dito, não adentrarei a questão da religião, religiosidade e a defesa de que o trabalho humanitário realizado seja de caráter laico, isto é, livre de questões religiosas, no entanto será importante compreender como o caráter salvacionista não está distante de suas ações. Dito isto, quero voltar a conversa com Adailton, ao provoca-lo acerca do debate que coloca manutenção de desigualdade e ajuda humanitária como diferentes faces de uma mesma moeda.

Gilson - Eu tô te falando de algo que eu tô lendo, muito incipiente agora, e ele vai falando como vai a compaixão que tá envolvendo tudo isso, não sei se é essa palavra...

Adailton – é a palavra certa. É compaixão.

G– ela carrega em si uma contradição. É uma paixão em ajudar.

A – Então tem o ajudador e o necessitado.

G – Exatamente, e aí ele vai falando lá, alguns autores vão falar, de uma manutenção de desigualdade.

A– Até mesmo na ajuda?

G– Exato, como é que tu pensa isso?

A – Eu acho que isso é uma coisa inevitável. Por que? O que eu faria então? Eu tenho uma pessoa necessitada, se eu for ajuda-la e exercer compaixão por ela, eu estou me sentindo superior a ela, então eu não vou ajuda-la, então a deixo do mesmo jeito, pra que eu não me sinta superior a ela. Eu creio que tem que a ver da parte das duas pessoas, e nesse caso, principalmente do ajudador, o espírito correto, o espírito do evangelho. Que não é de superioridade, eu ajudo, mas não pra exercer controle, eu ajudo, mas não pra humilhar com a minha ajuda. Eu ajudo não pra impor posição pra dizer eu só te ajudo se, se você fizer tal coisa, se você me seguir, por exemplo, eu só te ajudo se você vier frequentar minha reunião. Ou seja, é você fazer da ajuda humanitária uma maneira de opressão, então eu creio que essa crítica só é válida quando existir por parte do ajudador esse desejo de controle, de imposição e de opressão. Não havendo esse desejo, esse sentimento e essa busca eu creio que é uma coisa natural, há uma necessidade de alguém que precisa ser ajudado, e eu creio que a parte ajudadora ela principalmente vai mostrar não haver desejo de opressão quando a ajuda dela não é pra manter a situação ruim do outro, mas sim tira-lo dela, ou seja, é o paternalismo que ajuda mas não quer que a pessoa mude a situação, ele tem que manter lá pra eu continuar ajudando, pra eu continuar sendo aplaudido e pra eu continuar mantendo o controle. Agora quando a minha ajuda é você tá nessa situação, eu te ajudo sem opressão, sem exigir controle, sem nenhum tipo de sentimento superior, eu vou buscar nessa pessoa algo que ajude a sair daquela situação,

pra que ela se torne livre, independente, autossustentável, então eu acho que acaba sendo uma discussão muito... até tola de dizer que a ajuda é a manutenção da opressão, eu não acho. Eu acho que ajuda paternalista é a manutenção da opressão. A ajuda honesta que tem o objetivo não apenas de atender à necessidade emergente mas de tirar a pessoa daquela situação, ela não é opressão. (Adailton, 05/06/2015)

Ao longo de sua fala Adailton aponta tanto que sim, é possível que a prática humanitária estabeleça relações de desigualdade, mas que isto seria inevitável, tendo em vista que também seria errado cruzar os braços diante do sofrimento. Num segundo momento, na mesma conversa, ele defende que existam diferentes formas de se construir uma ajuda humanitária, ele distingue entre aquela que gera opressão e aquela que liberta dela, sem pedir nada em troca. Seguindo ainda por esta discussão, a fala de Carlos Bregantim – outra importante liderança do CG – parece corroborar tanto com os argumentos de Adailton, como do debate levantado por Fassin.

Vamos colocar assim, eu concordo com o pensamento desse médico (Fassin), e dos pensadores que pensam assim. **A impressão que dá é que todo o movimento humanitário que existe no mundo ao mesmo tempo em que abençoa pessoas, ele alimenta o status quo, de modo que as classes não transversam. Elas mantem-se onde elas estão, e isso não é bom! Isso não é bom! Ao mesmo tempo é assim que o mundo é!** E o mundo é assim porque os que deveriam assumir as posturas, na medida em que foram tocados por valores que são ditos por eles, e por eles aceitos, como valores que transcendem, não levam a cabo isso, e ficam sempre nas mesmas engrenagens. Por isso que não muda! Bem, então é assim: como é assim, melhor é que algum bem seja feito, mesmo que esse bem continue alimentando essas diferenças de classe e as classes não transversam. Então, que haja! **Do tipo: tem um faminto ali. Você vai ficar discutindo o por quê? Meu, dá comida pra ele (...).** Ai eu faço uma autocrítica de que nós temos exemplos no mundo contemporâneo até, recente... Gandhi, por exemplo, ele promove mudanças na estrutura social, política, religiosa da Índia, pelo amor, e eu sou romântico, sou utópico, mas eu me pergunto assim: Por que não? Porque nós não amamos! Path Adams, quando ele esteve aqui no Brasil no ano passado, a convite da Jornalista que fez toda a assessoria dele. E o Path falou uma coisa maravilhosa, e ele é o símbolo do amor. E ele disse: Já viajei o mundo todo algumas vezes, e vou viajar até morrer – ele tá com mais de 80 anos – dizendo que a resposta para os governos é o amor. É louco! É louco! (Carlos Bregantim, 06/06/2015)

Apesar das semelhanças quanto as duas falas acima, de Bregantim e de Adaiton, nesta última é possível ver que não há uma tentativa de dividir formas de humanitarismo, mas um reconhecimento de que a ação humanitária não altera, por exemplo, a se-

gregação entre classes sociais, o que para ele seria possível por meio do Amor, que teria sido aquilo utilizado por Gandhi, por exemplo, para promover mudanças “na estrutura social, política e religiosa da Índia”. Entretanto ambos concordam que não se deve cruzar os braços diante de quem identifiquem como precisando de ajudado. As conversas com os interlocutores, seja em encontros informais, ou entrevistas semiestruturadas, apontam para um não consenso em determinados assuntos. Um deles, de interesse central neste artigo, tem a ver com a separação entre pregação do evangelho e trabalho social.

Num dos momentos do já mencionado encontro de mentores, enquanto Adailton defendia em seu sermão defendia a divisão entre cargos dentro da comunidade cristã, entre aqueles que trabalhavam no social – os mordomos – e aqueles responsáveis pela pregação do evangelho, este foi confrontado diretamente por Bregantim, que deixou claro sua discordância. Entretanto, tal perspectiva encontrava apoio de diversas outras pessoas presentes, o que parecia ser o indicado nas expressões de apoio, verbais, ou apenas no balançar de cabeças.

Ao contrário da mensagem proferida e defendida por Adailton, Ana D’Araujo, em uma conversa ocorrida em uma das ações do SOS Religar, explicou-me que a expressão “braços sociais” era apropriada ao trabalho desenvolvido pelas agências humanitárias, mas que o passar do tempo deveria ser tornar desnecessário. Só deveria ser usada enquanto as pessoas do próprio movimento não atingissem a consciência de que ser humanitário já é por si só ser seguidor de Jesus Cristo, portanto pregar o Evangelho. Tal visão se aproximava consideravelmente da visão das pastorais da Igreja Católica, Conselho Indigenista Missionário, dentre outros segmentos, e de um conceito por eles compartilhado: *evangelização implícita*¹¹. A fala de outro líder de visibilidade nacional, Carlos Bregantim (o Brega) se aproxima dessa compreensão, quando ele apresenta sua maneira de pensar acerca do que chamou de “serviço social:

É simples, né? Na verdade é muito simples. O entendimento que eu tenho hoje é por onde eu me pauto para servir ao Senhor a luz do Evangelho. Deus escolheu ser servido, adorado, louvado, agradado no outro. Então ...Por que que nós não temos um ministério de Ação So-

¹¹ Ao ouvir de muitos interlocutores que a causa humanitária é, em si, pregar o Evangelho, logo relacionei com o mencionado conceito católico. “[...]impõe-se a necessidade de uma prévia evangelização implícita, alicerçada em um falar de Deus sem falar, a exemplo de seu próprio modo discreto e silencioso de comiscar-se.” (Perspect. Teol., Belo Horizonte, Ano 45, Número 125, p. 83-106, Jan./Abr. 2013, p. 87).Fonte: <http://www.faje.edu.br/periodicos2/index.php/perspectiva/article/viewFile/2832/2983>

cial, um departamento de ação social? Porque cada um do Caminho da Graça, ou do Movimento Caminho da Graça, em si carrega a responsabilidade de servir o outro porque servindo o outro ele está servindo a Deus. Nós não temos como servir a Deus sem servir o outro. Deus decidiu ser amado no outro. Deus decidiu ser adorado no outro. Deus decidiu ser servido no outro, no próximo. Então isso não é uma questão de escolha, nem de dom, nem de habilidade, nem de competência, nem de recursos. Embora no correr do Caminho, segundo o que cada movimento inclui, que em cada grupo tenha de habilidades e capacidades. (...) O Amor se traduz em serviço... Isso explica porque nós estamos na Nigéria! Isso explica porque nós estamos no Senegal. Isso explica porque estamos no Sertão. Isso explica porque nós estamos no Jardim Gramacho. Isso explica porque eu estou lá na Cracolândia. (...) O Senhor viveu na terra fazendo o bem. Os irmãos primeiros eram conhecidos porque faziam o bem. **Fazer o bem** é uma resposta amorosa que eu dou a um Deus amoroso. O único jeito de eu dizer que amo a Deus e deixar Deus feliz é dizer que amo você.

Ainda que seja possível perceber choques entre as visões, há uma categoria presente em diversas falas, e que diz respeito a noção de “consciência”: “gerar consciência”, “transformar a consciência” ou “alcançar uma nova consciência”. Algo semelhante pôde ser percebido no grupo de discussão que tive a chance de realizar com alguns dos integrantes do SOS RELIGAR Jardim Gramacho. Enquanto conversávamos, ao todo seis pessoas, ao redor de uma mesa, enquanto jantávamos¹² eles iam explicando tanto a sua participação no Caminho da Graça – tendo em comum o fato de que haviam feito parte de alguma denominação evangélica³², destacando como essa “nova consciência do Evangelho” gerou neles uma identificação com as pessoas que padeciam de assistência.

O Jesus que vive em mim, me leva praquele lugar. Ele se apaixona por aquelas pessoas. Da mesma maneira de como Ele fez há dois mil anos atrás, quando ele teve aqui... Ele, que vive em mim, me leva para aquele bendito lugar, faz eu me apaixonar por aquelas pessoas, e de alguma maneira, faz com que a minha vida seja identificada com a delas. (João Marcos, 06/06/2015)

Durante o mesmo grupo de discussão, outro integrante fala de forma mais explícita entre a relação que ele percebe como o Caminho da Graça provocou esse olhar nele, e nos demais integrantes.

O Caminho da Graça, sendo uma versão proposta, e possível, de como o Evangelho pode ser reproduzido. O Evangelho verdadeiramente... O Caminho da Graça ele propõe uma versão possível, dentre várias – dentro da Ordem de Melquisedeque – a proposição dele é que a gente saísse desde sempre. Existe uma áurea, existe uma coisa que acontece entre nós que faz a gente ficar inerte que é coisa nossa, humana. A

¹² Também durante o Encontro de Mentores de 2015.

gente acaba entrando, e isso vai passando um pro outro, uma preguiça constante, uma inércia, mas isso não é a proposta. A proposta sempre foi sair, ser sal, ser fermento, ser tudo isso! A questão é a diferença! Esse retardo que muitos de nós têm para iniciar esse processo. Eu demorei sete anos. Aqui e ali uma coisinha, mas sete anos pra dizer “Cara, é agora!”. O que acontece é que você de alguma maneira tem dentro de si uma certeza de que se Jesus estivesse vivendo aqui hoje, ele estaria ali. O que você tá fazendo, de alguma maneira... Você acaba tendo a sensação de “Cara, eu acho que eu estou fazendo uma coisa que Jesus estaria fazendo”. Eu estou convivendo com pessoas com quem Jesus estaria convivendo. (Edmilson, 06/06/2015)

Diante das diferentes formas do trabalho humanitário, destaca-se tanto a identificação com alguma necessidade, algo que falte aos grupos identificados como vulneráveis, o que também reflete nas localidades escolhidas para isso. Quero adentrar tanto a questão de como se deram as escolhas do Sertão do Pajeú e de Dakar como lugares alcançados por esses “braços sociais”; a forma como tais ações foram sendo construídas, o que inclui a imagem apresentada não só dos públicos atingidos, mas também das regiões por eles ocupadas. Dialogando com as críticas feitas por Alcida Ramos (2011) a determinadas práticas indigenistas, quando aponta que certos segmentos constrói o “índio-modelo” que se torna um obstáculo ao que chama de “índio real”, gostaria agora de pensar como que ações humanitárias podem criar um “tipo ideal” de grupo vulnerável, e que isso, no caso do trabalho aqui empreendido, se relaciona, inclusive com imagens de um Nordeste e África inventados.

Neste sentido há duas observações que precisam ser feitas antes de partirmos para o próximo tópico: a discussão que será apresentada estará voltada para a imagem que os agentes das duas agências humanitárias em questão fazem dos lugares e pessoas as quais se dirigem, e que é o foco do trabalho de campo em andamento; além disso, é importante ressaltar que no caso de Tuparetama e arredores, essa discussão será feita com base no trabalho de campo *in loco* que foi realizado entre 2014 e 2015, e as informações disponibilizadas na *internet*. No que diz respeito a atuação do CN, a discussão será feita com base em algumas entrevistas, conversas informais e também pelos vídeos, imagens e textos postados na *internet*.

4. IMAGENS HUMANITÁRIAS DO SERTÃO E DA ÁFRICA

O título dado a escolhido aqui para este tópico mostra-se problemático por diversas questões, dentre as quais listarei duas: quando se fala em Sertão como em África de maneira tão generalizada é possível cair em uma generalização estereotipada do que

sejam estas regiões, reduzidas aos seus dramas históricos, políticos e econômicos, para apontar apenas alguns dos componentes possíveis disto. Outra questão que pode ser levantada é que ao falar de Sertão a referência é de uma dada região do país, enquanto que quando se fala da África a referência é um gigantesco continente. Tal escolha não foi aleatória, tenho em vista que buscarei tratar aqui das imagens construídas - inventadas – pelas agências humanitárias em seus *modus operandi*. Neste processo buscou-se estabelecer um diálogo com os trabalhos de Edward Said (2007) e de Durval Muniz (2015), em seus trabalhos acerca das invenções do Oriente e do Nordeste, respectivamente, construindo, como já exposto uma discussão acerca tanto de tipos ideais de vulneráveis de vulnerabilidades, como do sertanejo e do africano genéricos.

Senti-me provocado a adentrar a esta discussão a partir de algumas entrevistas com moradores de Tuparetama, em geral envolvidos com a gestão municipal – talvez por isso tão preocupados com as imagens veiculadas pela SOS Religar. Um deles, Tássio, então integrante da secretaria municipal de cultura, artista plástico e proprietário de um *blog* de notícias local.

Estava conversando com uma amiga sobre o site do SOS Religar, e como parecia que a imagem do sertanejo só é apresentada por meio do sofrimento, da sujeira e da carência. Pegam uma foto de um trabalhador rural, no fim do dia, chegando em casa cansado, suado e sujo – porque trabalhou o dia todo “no pesado” – e veiculam como se aquilo a imagem dele. Entende? Pegam um momento, e quem tá lá fora, sem conhecer a realidade aqui, vai entender que é tudo assim! Muitas vezes aquele trabalhador não vive na miséria, mas é retratado desse jeito por causa da roupa velha e surrada que ele escolhe pra ir trabalhar. (Tássio, Tuparetama, agosto de 2015).

Tal relato transportou-me de volta ao primeiro contato com ações do Caminho da Graça no Sertão, em 2014, quando, segundo informações, o trabalho do SOS em Tuparetama completou dois anos. Tanto as “brincadeiras” em tom jocoso acerca de toda a região do Pajeú, assim como as tantas vezes que a pergunta “Mas essas pessoas precisam, mesmo?” foi feita parecem, como já mencionado, apontar para uma imagem que aquelas pessoas faziam do Nordeste e do Sertão, principalmente.

O incomodo de Tássio, foi encontrado também nas palavras de Pedro Petrônio, único integrante da SOS Religar “nascido e crescido” – como gosta de falar – na re-

gião¹³. Quando perguntado acerca da imagens que os agentes humanitários tinham do sertão ele respondeu:

Pedro: Até comentaram no *facebook* quando voltaram daqui, diziam, de quando vinham pra aqui “nós vamos pra nossa Africa”. Ai a visão de quem vem de fora é que vão encontrar umas pessoas extremamente miseráveis. Quando chega aqui se depara com outra situação. São pessoas carentes que precisam de ajuda, mas não do jeito que eles pensam que é não!

Gilson: E o quê que gera esse tipo de pensamento?

Pedro: Não sei! Eu acho que é a mídia, né? Que mostra só... O sertão é visto como uma vaca morta, uma cabeça de um boi morto numa cerca, um monte de gado morrendo de fome...

G: Mas aquela cabeça de boi tem significado, não tem?

P: Tem. Um símbolo nordestino. (...) As pessoas colocam aquilo ali como um símbolo de que ali existem uma fazenda.

G: Ah, entendi! Então não tem nada a ver com miséria, tem a ver com ter gado?

P: Isso! Eu tenho meu sítio, tenho umas 20 cabeças de gado, morre uma... As vezes morre uma, tá entendendo? Mas não é uma coisa mística, não!¹⁴

G: Mas também não tem a ver com miséria, é isso?

P: Não tem a ver com miséria não! Tem de certa forma, porque as vezes, na maioria das vezes, morreu de fome, nessas épocas de escassez de chuva, mas não é uma miséria generalizada, como as vezes a maioria das pessoas, do sul e sudeste, pelo menos, pintam!

G: E qual é a imagem que o SOS apresenta daqui pra fora?

P: Fernando, infelizmente, é meu amigo, mas eu acho que ele só mostrava a miséria, miséria, mesmo. Não se era para angariar recursos, eu acho que era.

Uma rápida pesquisa virtual que contenha apenas “SOS Religar”, pode apresentar diversos *links* sobre a atuação do SOS, principalmente no sertão do Pajeú. Em muitos deles não há uma especificação da localidade em que as pessoas se encontram, a não ser de que se trata da microrregião do Pajeú, que corresponde a 17 municípios.

Mais de um milhão de sertanejos afetados pela maior seca dos últimos 50 anos do semiárido brasileiro. Mais de 100 cidades enfrentam uma epidemia diarreica. E depois de dois anos nessa longa seca as conse-

¹³ Inicialmente sua atuação se deu de modo voluntário, mas após alguns meses após

¹⁴ Esta explicação se deu porque perguntei a Pedro sobre algo que me foi relatado por outro interlocutor, de que por um crânio bovino na entrada das propriedades tinha a ver com espantar maus agouros.

quências estruturais continuam a desafiar o sertanejo no seu dia. A SOS Religar baseada em seus princípios de imparcialidade política e religiosa tem atuado de forma constante através de ações continuadas implementando programas que afetam mais de 100 famílias no sertão do Pajeú. No sertão do Pajeú nós implementamos um sistema de irrigação por gotejamento, à semelhança das tecnologias dos kibutz israelenses. Com o apoio de todos vocês, aquelas pessoas que acreditam que é possível, instruindo, ensinando, orientando o sertanejo a conviver, não a combater, mas a conviver com a seca no semiárido. Neste momento, nós estamos com um desafio de construir um espaço que venha a abrigar as nossas oficinas. Oficinas de educação, recreativas, de artesanato e de geração de renda. Precisamos que você se junte a nós nessa luta. Seja mais um Religar.¹⁵

A narrativa acima foi transcrita de um vídeo sobre o SOS Religar, no qual Fernando Lima pode ser visto fazendo este apelo, enquanto diversas imagens vão sendo sobrepostas a dele no decorrer de sua fala. Dentre elas vemos um homem andando ao lado de um jumento que carrega uma carroça que contém um grande galão de água, cena cotidiana nessa região, independente dos períodos de seca, tendo em vista que em muitas casas não há poços ou água encanada. Em outro vídeo¹⁶, publicado em dezembro de 2013, é possível ver a imagem de Fernando destacada agradecendo, aos investimentos, enquanto diferentes imagens vão passando, dentre elas há a imagem de Marcelo Quintela, segurando o microfone da “Vem & Vê TV”, para uma chamada no *site*, enquanto eram distribuídos litros de água e leite; uma criança – um menino com aproximadamente cinco anos de idade – com um chapéu de couro segurando uma garrafa plástica cheia de água.

Não se trata aqui de, tal como defende Pedro Petrônio, de ignorar a seriedade das questões que envolvem o cotidiano das pessoas de Tuparetama, e de negar que muitas vivenciam formas de miséria social e econômica. No entanto, a não negação disto enquanto realidade não impossibilita uma análise crítica de como vem se dando a atuação nos contextos em questão. Diante disso não deixa de ser relevante observar-se que apesar dos apelos virtuais, e de toda uma argumentação sobre o sofrimento do “povo sertanejo”, percebida de forma bastante enfática, inclusive no Encontro de Mentores do Caminho da Graça de 2015, nos primeiros meses do ano atual os trabalhos da SOS Religar foram oficialmente encerrados.

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=IIOQTqeYrpM>

¹⁶ https://www.youtube.com/watch?v=M5t4GM_My58&spfreload=10

Até então a agência contava com uma base localizada na “vila” – como é chamada uma das partes da sede do município – onde ficam hospedados os agentes quando desenvolviam suas ações. Trata-se de uma casa, localizada na vila, dividida em térreo – onde ficam seus três quartos, cozinha, copa, um dos banheiros, sala de estar e uma área frontal de onde é possível ver a rua. Na parte de baixo há uma espécie de galpão que funcionava como garagem e um banheiro. Até 2015 neste espaço seriam construídas salas para atendimento médico, odontológico e psicanalítico, o que foi feito, mas o espaço, nunca viria a ser utilizado para este propósito. As reformas e modificações neste espaço haviam sido realizadas como uma contrapartida da prefeitura. Desde a fachada, até o interior do lugar a pintura era de um tom de laranja com branco, cores que compunham a logo marca da SOS Religar. Com o cancelamento do trabalho, todo o material que serviria para montar três salas para atendimento odontológico, foram entregues a prefeitura, como uma espécie de pedido de desculpas.

De modo semelhante podemos pensar acerca do trabalho atualmente desenvolvido em Dakar pelo Caminho Nações, o projeto Chemin du Futur, no que diz respeito a construção da imagem não apenas das crianças e adolescentes, *enfant talibé* assistidos pelo trabalho, mas da capital senegalesa, seu povo, e o próprio Estado. Apesar das mudanças acerca do comprometimento financeiro do Caminho da Graça – que diminuiu em um quarto o valor que enviada para Dakar – o projeto continua, mas os responsáveis têm de desenvolver outras formas de sustento.

Amigos queridos, eu tenho que ser objetivo porque são dois minutos e meio no *whatsapp*. O grupo do Caminho da Graça entre as Nações, sobre a minha gestão e previdência, se reuniu aqui em casa no sábado passado. Tomamos as seguintes, já comunicadas tanto ao Edmilson quanto ao Léo¹⁷. Vamos continuar mantendo as duas iniciativas na Nigéria e no Senegal com um plano de escalonamento, de diminuição de participação até redução a 50% de hoje. Ambas as iniciativas serão independentes, nós seremos apenas os *sponsors*. Na Nigéria, com a economia dos 50%, cinquenta no orfanato. O Léo já está trabalhando pra levantar patrocinadores na Europa. Os 50% que sobrarão nós vamos investir no projeto original, visitaçao a casas, pais, famílias, enfrentamento dos pastores bruxificantes, ou seja, tentativa de atacar a causa, o orfanato cuidará do efeito. A mesma coisa, nos limites da contextualização, nós faremos no Senegal, e as demais iniciativas serão todas assim, o Caminho da Graça é *sponsor*. A gente propõe; a gente vê a necessidade; a gente loca fundos, e a gente desafia pessoas. Isso quando a iniciativa for toda nossa. Quando não for, nós nos associaremos com gente que tenha o mesmo olhar, a mesma percepção que nós, e seremos *sponsors* de iniciativas nas quais nós criamos. Eu

¹⁷ Diretores dos projetos no Senegal e na Nigéria, respectivamente.

creio que isso vai simplificar imensamente as coisas. Nós cairemos num chão de realidade, ficaremos do tamanho das possibilidades, e não iremos além do que não nos seja possível agora. Eu espero que todo mundo tenha entendido. Aos poucos as coisas vão encontrando o seu chão de melhor estabilidade. Deus nos abençoe! Um beijão, amigos! (Caio Fabio D'Araújo Filho, julho de 2015¹⁸)

Ao contrário do que havia sido relatado pro Adailton, mas de acordo com o comunicado acima, se havia a intenção em dar fim ao trabalho desenvolvido no sudoeste nigeriano, mas tanto lá como em Dakar, a mudança ocorreria no compromisso do Caminho da Graça com estas questões. Prova dessa continuidade o atual engajamento de Gito, um dos integrantes do Caminho Nações, em andar por todo o Brasil na busca por “sensibilizar as pessoas”, principalmente nas Estações do Caminho, para que se envolvam, principalmente financeiramente com “a causa”. o trabalho no sudoeste nigeriano continua, assim como o realizado em Dakar. No entanto, o “plano de escalonamento” parece não ter acontecido como prometido, tendo em vista que, segundo o próprio Gito, sobre o trabalho na Nigéria, e de Edmilson, diretor do Chemin du Futur, a redução foi drástica, de, por exemplo um investimento de R\$ 50.000, 00 (cinquenta mil reais) por mês, no mês seguinte ao anúncio de Caio Fábio, o valor era de dez mil reais, e em março deste ano o valor foi de oito mil. Vale destacar ainda, que ao contrário do trabalho na Nigéria, até agosto de 2015, o trabalho do SOS Religar não era ameaçado de ser finalizado, como foi.

As mudanças anunciadas por Caio Fábio se deram, segundo se argumenta, devido tanto as dificuldades burocráticas para se enviar dinheiro do Brasil para outros países, como pelas próprias limitações orçamentárias do Caminho da Graça. Além disso, foram observados diversos problemas tanto no trabalho em Tuparetama, como nos dois países africanos. O que deixa uma pergunta por ser respondida: Por que a solução para um lugar foi o encerramento dos trabalhos, e nos demais, apesar das mudanças, suas continuidades vêm sendo garantidas? Arrisco uma resposta – dentre tantas possíveis: Talvez a imagem de crianças africanas que, em situações distintas, necessitem “ser salvas” dos abusos de lideranças religiosas, sensibilize muito mais possíveis patrocinadores, do que mulheres que precisem fazer exames ginecológicos no sertão nordestino (para citar um exemplo de trabalhos que foram encerrados). Nesse sentido, gostaria de

¹⁸ Comunicado enviado para diversos integrantes do Caminho da Graça via *whatsapp*.

voltar à discussão da imagem humanitária, centrando-me agora nos relatos e discursos acerca do trabalho desenvolvido em Dakar.

No *site* do Caminho Nações é possível encontrarmos a seguinte explicação:

O que é *talibé*? *Talibé* é uma palavra de origem árabe e significa *discípulo* ou *seguidor*. No Senegal *talibé* é o termo usado para um menino que é obrigado a mendigar pelas ruas como parte de sua educação Corânica. *Talibés* são crianças com idades entre 5 e 17 anos que são enviadas por seus pais para os Marabus, a fim de que estes ensinem à elas a educação Corânica. *Talibés*, assim como crianças de rua, são facilmente reconhecíveis em todo Dakar através dos trapos que elas vestem e pelas latas de extrato de tomate que balançam em torno de seus pescoços. *Marabus* são líderes muçulmanos altamente respeitados pela população e pelas autoridades locais. Um *Marabu* pode ter entre 15 e várias centenas de *talibés* sobre seus cuidados a depender de sua reputação. Sua missão é ensinar a educação corânica aos *talibés*. Esta formação é acompanhada por iniciações práticas na vida da comunidade, para adquirir o senso de humildade e resistência em todos os tipos de provações. Os *talibés* vivem muitas vezes em condições desumanas, onde fome, sede e doenças são terrivelmente excessivas. Mendigar é parte da educação corânica. Durante o dia, os marabus enviam os seus *talibés* para às ruas para que eles possam mendigar. Os marabus exigem uma quota equivalente a um dólar por dia, e se o *talibé* não atinge essa meta, eles são espancados pelos seus “educadores”. Estima-se que os *talibés* já representam mais de 120 mil da população no Senegal. Mesmo que eles recebam alguma educação de seus professores religiosos, esta educação é tão ínfima que não é capaz de proporcionar à eles sequer um emprego decente. A consequência é que os *talibés* no futuro se tornem discípulos de seus marabus ou fiquem desempregados. (...) Um *Marabu* é um professor para quem as crianças são enviadas por seus pais quando elas estão na idade entre 4 – 12 anos. Ele deve ensinar a elas o Alcorão e protegê-las fornecendo-lhes um lugar para morar e alimento para comer, mas ao invés disso as crianças passam o tempo nas ruas pedindo por dinheiro e comida, e delas são exigidas que entreguem tudo o que conseguiram aos marabus. Se elas voltam das ruas sem nada, ou sem o que era esperado, elas são punidas pelo marabu.¹⁹

Além da descrição acima é possível perceber que o *site* é repleto de apelos a contribuição financeira, símbolos que remetem a ajuda²⁰ diversos vídeos, onde aparecem crianças e adolescentes, todos do sexo masculino, andando pelas ruas de Dakar com latas. O narrador, Marcelo Quintela fala enquanto as imagens do curto filme de pouco mais de trinta e um minutos, intitulado “Levando esperança no meio da desgraça: um documentário sobre o fenômeno das crianças *talibés*”:

¹⁹ <http://caminhonacoes.com/novo/o-que-e-talibe/>

²⁰ Um dos símbolos veiculados pelo Caminho Nações é uma mão maior vindo do alto em direção a uma mão menor. Esta logo foi escolhida como símbolo de uma das expedições aos dois países africanos em questão, a expedição “Fabricando Esperanças”: <http://www.fabricandoesperancas.com/>

Nas grandes cidades senegalesas milhares de meninos vestidos com trapos imundos arrastam-se pelas principais ruas, bancos, supermercados e postos de gasolina, mendigando dinheiro, arroz e açúcar. Os meninos conhecidos como talibés estendem uma pequena lata de tomate ou uma tigela de plástico na busca de atingir a cota diária exigida pelos professores, ou *marabus*, responsáveis pela sua alocação e alojamento. Estima-se que sejam mais de 30 mil crianças *talibés* apenas na capital, Dakar. Tipicamente, as crianças são forçadas a mendigar todos os dias durante muitas horas. Na rua, as crianças tornam-se vulneráveis a acidentes, a doenças, e frequentemente a um sol abrasador. Um menino com uma latinha, debruçado na janela de um carro, mendigando, tem se transformado num símbolo do Senegal. Em 2005 o Governo senegalês promulgou uma lei que criminaliza a prática de forçar um indivíduo a mendicância tendo em vista ganhos financeiros. Mesmo com os esforços de agências locais e internacionais de ajuda humanitário que visam melhorar as condições de vida nas escolas corânicas não foram capazes de reduzir o número crescente desse fenômeno. (Marcelo Quintela, narrador do filme, 22 de agosto de 2013).

O filme segue mostrando várias situações onde garotos, andam e correm pelas ruas, em um dado momento dando a entender que estão sendo enxotados por um homem do posto de gasolina onde trabalha. Logo em seguida o narrador é mostrado a frente da câmera, sendo filmado na companhia de outros dois garotos, um menor e mais novo e outro mais alto e de mais idade, que permanecem em silêncio enquanto ele fala:

Muito pequenino está vendo? Precisando encher isso aqui (a lata de tomate) de moedinha pra levar pro dono dele. Ele é muito pequeno... Esse (o garoto mais velho) é ele um tempo depois. Olha as roupas que eles andam! Dá uma olhada nos pezinhos dele! O quanto ele tem caminhado nesse chão árido, que se tornou a vida dele! Nós vamos libertá-lo! A ele, e a todos quanto pudermos!

Não adentrarei outros pormenores aqui, tendo em vista que há algumas situações, como quando Edmilson, diretor do Projeto Chemin du Futur em uma de nossas conversas, explicou que nem todos os líderes mulçumanos podem ser taxados da mesma maneira. Segundo eles existem os “*marabus do bem*” e os “*marabus do mal*”. Tal tipificação não aparece nos vídeos, postagens em redes sociais ou nos textos escritos pelos integrantes do CN. O que se percebe ali é uma generalização da realidade. No entanto, compreendo que algumas questões só serão elucidadas quando a pesquisa que se segue, focada agora na atuação do Caminho da Graça no Senegal.

5. ALGUNS APONTAMENTOS (IN)CONCLUSOS

Iniciei esse texto narrando um encontro entre um homem e uma mulher - personagens literários criados por Milan Kundera, porque o autor remete a uma relação de compaixão de Tomas para com Tereza. Em um dado momento remeti a dois significados da verbete “benfeitoria”: melhoramento e reparação. É possível perceber que estes dois significados apontam para a ambiguidade existente entre controle e reparação que está na base da moral humanitária, como aponta Fassin (2010). Ao pensar em melhoramento aponta-se para algo que pode, e no caso das ações dos “braços sociais” do CG, deve ser realizado e, conseqüentemente, o que desemboca numa normatização da vida dos grupos a que se propõe assistir.

A partir da noção de *razão humanitária*, Fassin problematiza como na contemporaneidade as práticas humanitárias se configuram enquanto uma empresa humanitária, no sentido da exaltação e legitimação de toda uma gramática moral que se construa a partir de um governo dos corpos (FASSIN, 2005), o que possibilita pensar acerca dos mecanismos de controle que podem contribuir com o que Elias (1994) chama de *processo civilizador*. Este só é possível a partir dos estabelecimentos entre sujeitos e agrupamentos considerados mais ou menos “civilizados”, em detrimento de reconhecidos como “descivilizados”. Para Fassin (2005) humanitarismo só se faz possível a partir deste *governo dos corpos*, na medida em que para haver qualquer tipo de ajuda humanitária é necessário a exposição de um corpo que sofre.

Seguindo este raciocínio, Fassin na mesma obra, a partir de trabalhos de campo realizados em diferentes localidades, aponta para a ambiguidade presente nas práticas humanitárias. Para o autor há na razão humanitária uma tensão entre desigualdade e solidariedade; dominação e reciprocidade, por exemplo. Nessa ambivalência é possível perceber a exaltação de certas perspectivas que estabeleceriam e/ou legitimariam uma hierarquia entre quem ajuda e quem é ajudado. O pesquisador destaca também outro paradoxo: o sentimento moral que direciona a ajuda para as pessoas identificadas como mais pobres e mais infelizes, faz da política da compaixão uma política da desigualdade, sendo possível falar no exercício de uma “compaixão repressiva”. Para Fassin, seria próprio da razão humanitária, em nome de um combate a pobreza, a disciplinarização dos pobres.

Tal raciocínio faz coro, por exemplo, na pesquisa Erica Bornstein, ao investigar a atuação de duas agências humanitárias protestantes atuantes no Zimbábue (2005) –

World Vision e Christian Care - também vem contribuindo para importantes diálogos. Ela analisa a relação entre desenvolvimento econômico e espiritualidade, num intenso diálogo com a clássica discussão de Max Weber acerca da ética protestante, sua influência e repercussões nas atuações das referidas instituições e na vida das pessoas por elas assistidas.

A partir do que foi até o presente apresentado, seja nos dados etnográfico, ou nos diálogos teóricos apontados, é possível assumir que a referida ambiguidade presente nas práticas humanitárias nos coloca num dilema semelhante a figura do pato-coelho utilizada por Wintegnstein (1999), em sua segunda fase. Tal como a imagem que o filósofo se utiliza, a ajuda humanitária pode ser rechaçada enquanto prática normatizadora; mantenedora de desigualdades ou mesmo neocolonizadora; ou ela pode ser exaltada como uma expressão de amor desinteressada, fruto do altruísmo, ou, como expressam muitos dos interlocutores com os quais mantenho contato, uma expressão da prática do amor de Jesus, que não poderia ser vivenciado de outra maneira. No entanto, ao retomarmos as noções de normatização e de reparação, é possível observar que ambas carregam em seu bojo uma ideia – não assumida – de manutenção de hierarquias, tendo em vista que a ideia de reparação se relaciona diretamente a um erro ocorrido anteriormente que logrou prejuízo a alguém, ou a algum povo, região, nação, ou mesmo continente, se pensarmos aqui na totalidade da África.

Ao considerar o humanitarismo enquanto um campo humanitário, a partir das conceituações de Bourdieu (2007; 2009), é possível retomarmos a questão dos diferentes encaminhamentos que o Caminho da Graça deu aos trabalhos em Tuparetama e em Dakar, considerando que estes ocupam lugares hierárquicos distintos neste campo, competindo de maneira desigual no que se configura ajuda humanitária também enquanto um mercado de bens simbólicos pelo qual se compete por hegemonia, e que se apresenta na diferente visibilidade e continuidade – ou encerramento - dos trabalhos desenvolvidos.

Como lembra Adriana Viana Rezende (2004) dentro de uma compreensão ocidental ocupa um lugar hierárquico superior dentro de determinadas gramáticas morais. Dessa forma não parece difícil considerar que o discurso, por vezes, salvacionista dos trabalhos desenvolvidos no Senegal e na Nigéria, ganhem maior visibilidade e legitimidade do que aqueles encerrados no Sertão do Pajeú. Diante disto é possível apontar tanto para uma ação seletiva por parte dos trabalhos humanitários, que parecem selecionar,

dentre as diversas formas pelas quais identificam o sofrimento, aquelas que merecem maior atenção. Além disso, talvez seja possível pensar que a lógica reparadora com a qual o Ocidente – e aqui incluo o Brasil como tal – enxerga os países africanos, em parte, devido ao longo período de colonização e escravidão a que parte de suas populações foi inserida, não encontra equivalência no que diz respeito ao Nordeste. Parece que o apelo moral das “famílias carentes atingidas pela maior seca dos últimos 50 anos” ocupa um lugar moral e simbólico de menos força que “crianças africanas exploradas por líderes religiosos”.

Por último, duas questões podem ser apontadas tanto a respeito dessa seletividade como de uma dominação sustentada pelas ações aqui investigadas. Os idealizadores do SOS Religar e, em especial, aqueles que deram continuidade até seu encerramento, como apontado, além de residirem na região Nordeste, gozam de um lugar de menor prestígio dentro do Caminho da Graça, estando geográfica e politicamente longe do centro de atividades do movimento, sediado em Brasília, onde reside seu líder principal; localiza-se a “Vem & Vê TV”. No caso dos trabalhos desenvolvidos no continente africano são idealizados e liderados por pessoas residentes, ou advindas da região sudeste do país, sendo possível perceber uma disputa geopolítica entre esses atores.

É possível, ainda, apontar, a partir das imagens disponibilizadas pelos interlocutores nesta pesquisa, da denúncia e do envolvimento emocional, e uma contínua estetização do sofrimento (BOLTANSKI, 1993) em África, em detrimento do que foi feito em Tuparetama. Enquanto no primeiro contexto há uma continuidade de vídeos, entrevistas, textos, no segundo isto aparece pontualmente, a partir de circunstâncias específicas, como a ação desenvolvida ainda em 2014, que contou com todo um suporte técnico para registro das atividades ali realizadas, o que, ao contrário do que se deu nas quatro incursões ao Senegal e a Nigéria, não se repetiu, ficando restrito a divulgação das ações as fotografias divulgadas pelos então membros da SOS Religar em suas redes sociais.

Não é aqui responder se as ambiguidades contidas nas ações humanitárias poderão ser superadas, de modo que o contato dos agentes humanitários, sempre estrangeiros ao seu lugar de intervenção, não sejam postos – e se ponham – num patamar moral, econômico e simbólico de superioridade. Este é um desafio que precisa ser enfrentado com seriedade, um nó górdio do qual se espera não solucionar com o corte de uma espada, a exemplo da lenda sobre Alexandre, o Grande. O que se percebe é que uma

perspectiva universalista, predominante nos trabalhos humanitários, precisa ser problematizada, tendo em vista que mesmo que não se negue a existência do sofrimento nos contextos abordados, este deve ser enxergado também a partir das dinâmicas locais, fugindo a uma prática de vanguarda que parece dizer às pessoas que grupos estrangeiros, seja em Tuparetama ou em Dakar, qual é a melhor forma delas seguirem com suas vidas.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes.** São Paulo: Cortez, 2011.
- ARENDDT, Hanna. **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2007
- BOLTANSKI, Luc. **La souffrance à Distance: moral humanitaire, médias e politique.** Éditions Métailié. Paris, 1993.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève Chiapello. **O novo espírito do Capitalismo.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.
- BORNSTEIN, Erica. **The spirit of development: protestant NGOs, morality and economics in Zimbabwe.** Stanford University Press. Stanford, California. 2005.
- BORNSTEIN, Erica. **The Verge of Good and Evil: Christian NGOs and Economic Development in Zimbabwe.** PoLAR: Vol. 24, No. 1
- BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. ZOUK. 2007.
- _____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2009
- CARDOSO, Ruth. **A aventura antropológica.** Paz e Terra Antropologia, 1996.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias; GOMES, Edlaine de Campos. **Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas Classes Populares.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

- EVANS-PRITCHARD, E.E. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- FAVRET-SAADA, J **Os Afetos, a etnografia**. *Cadernos de Campo*, n.13. 2005.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. v.1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FASSIN, Didier; BOURDELAIS, Patrice. **Les constructions de l'intorelable: etudes d'anthropologie et d'histoire sur les frontières de l'espace moral**. Paris, 2005.
- FASSIN. **La raison humanitaire: une histoire morale du temps présent**. 2010.
- KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Cia das Letras, 2008
- LATOUR, Bruno. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Bauru-SP: EDUSC, 2002.
- _____. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-rede**. Bauru-SP: EDUSC. 2012.
- MARCUS, George. **Ethnografy in/of the world Sistem: the emergency of multi-sited ethnografy**. *In: Annual Reviews Anthropology*, v.24, 1995, p. 95-117.
- QUINTELLA, Marcelo. **Missão: salvar “crianças- bruxas”**: diário fotográfico de uma expedição brasileira à África Ocidental. Brasília: Associação Humanitária Caminho das Nações – Way to the Nations, 2012.
- RAMOS, Alcida. **Indigenismo:um orientalismo americano**. *In: Anuário Antropológico*, 2011-1, 2012:27-48.
- REZENDE, Adriana Viana B. de. **Direitos, moralidades e desigualdades: considerações a partir de processos de guarda de filhos**. *In: KANT, Roberto (Org.). Antropologia e direitos humanos 3*. Niterói, RJ: EDUF, 2004.
- RODRIGUES JR., Gilson J.R.. **“Família para quem precisa...”**: Estado, instituições, políticas públicas e classes populares na construção de uma moral familiar. Dissertação defendida para obtenção de Título de Mestre no Programa de Pós-

Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, 2010.

SAID, Edward. **Orientalismo: a invenção do Oriente pelo Ocidente**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

TAYLOR, Charles. **A era secular**. Instituto Piaget, Lisboa, Portugal. 2013

VIVEIROS de CASTRO, Eduardo. **O nativo relativo**. Mana, V. 8, Rio de Janeiro, 2002.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do Capitalismo**. Livraria Pioneira Editora. São Paulo-SP. 1996.

_____. **Economia e Sociedade. V.1**. Editora UNB, Brasília. 2014.

WITGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1999.